



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA:
ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5464 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT08 - Formação de Professores

Você gostou da minha aula? Autoconfrontação com professores do ensino médio
Rafael Fernando da Costa - PUC/CAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Heloisa Helena Oliveira de Azevedo - PUC/CAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Você gostou da minha aula? Autoconfrontação com professores do ensino médio

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a maneira como o professor interpreta sua prática. Utilizamos o método indireto da autoconfrontação que se baseia na clínica da atividade, na qual o exercício profissional é videogravado para ser analisado posteriormente pelo protagonista da ação em diálogo com o pesquisador. Os participantes são quatro professores de ensino médio de uma escola pública do estado de São Paulo, os quais tiveram duas de suas aulas videogravadas e analisadas, compondo o material empírico desta investigação. Identificamos formações discursivas sobre a profissão docente, assim como, a potência da metodologia de autoconfrontação como um espaço de diálogo e reflexão do fazer pedagógico.

Palavras-Chave: Formação de professores. Profissão Docente. Autoconfrontação.

Introdução

O presente trabalho compõe a pesquisa de doutoramento em andamento. Utilizamos o método indireto da autoconfrontação baseado na clínica da atividade, na qual o exercício profissional é videogravado para ser analisado posteriormente pelo protagonista da ação em diálogo com o pesquisador. Apresenta-se como um potente procedimento de produção de material empírico trazendo à tona não só a realidade de professores do ensino médio da rede pública do estado de São Paulo como também a análise feita pelo próprio trabalhador (professor) sobre tal realidade. Isso justifica a apresentação deste trabalho como possibilidade de mobilizar o diálogo e ser referencial inicial para pesquisadores que se debruçam sobre a temática da profissão docente. Analisar as concepções manifestadas pelos professores sobre sua prática é o objetivo desta pesquisa, estimulando sua reflexão e crítica por meio do procedimento de autoconfrontação.

O procedimento de autoconfrontação empregado na pesquisa inspira-se na Clínica da Atividade, enquanto método indireto para intervenção e transformação das situações de trabalho, sendo este comum no campo da psicologia do trabalho e proposto nos trabalhos de Clot e Faïta (2016). A autoconfrontação é um procedimento que inicia-se com a observação e registro videogravado da prática profissional, posteriormente é assistido pelo trabalhador e o pesquisador a fim de refletir sobre a prática profissional.

Apresentaremos aqui o material produzido por meio da autoconfrontação realizada em uma escola da rede estadual (SP), tendo como participantes quatro professores que atuam no ensino médio desta escola localizada na região central de Campinas e que, de forma voluntária, aceitaram participar da pesquisa.

O olhar do professor sobre sua prática

A autoconfrontação é precedida pela videogravação da situação de trabalho. Os professores escolheram os dias e as aulas para realizarmos a videogravação. Posteriormente, selecionamos cenas (15 minutos) e apresentamos para cada professor a videogravação correspondente. Os professores participantes são identificados por códigos, garantindo assim o sigilo nas informações da pesquisa, a saber: B-Filosofia; C-Filosofia; D-História; H-Língua portuguesa. Ao apresentar as cenas, solicita-se que o trabalhador descreva o mais precisamente as operações que observa na videogravação, buscando compreender o que ele se vê a fazer, o que ele tem de fazer, o que ele queria fazer, o que ele poderia fazer e o que poderia ser refeito, uma observação dialógica. Apresentamos a seguir o material empírico produzido:

B-Filosofia – A professora demonstra certa tensão ao ser filmada no momento da autoconfrontação. Ao começar a se assistir a professora relaxa. A aula e, portanto, as cenas apresentadas, são de uma atividade em grupo realizada com duas turmas de EJA (filmadas em diferentes dias) com o tema de filosofia política. Ao assistir o debate de perguntas e respostas atenta para a intencionalidade de envolvimento dos alunos, assim como, o incentivo à leitura como um todo e, especificamente, a filosófica. Uma das cenas é de uma contextualização na qual a professora cita a obra “O banquete” de Platão e a mesma ao ver a cena diz: “E eles leram, sabia? Eu indiquei e eles procuraram e leram”. Demonstra satisfação em ver o resultado tanto da atividade quanto de seus desdobramentos. A atividade trata-se de um trabalho em grupo, no qual os alunos devem ler um determinado capítulo (do livro didático) e elaborar questões a serem respondidas por outros grupos. A professora faz a primeira pergunta e o grupo que responde ganha um ponto (como se fosse um jogo). Após apresentação de algumas cenas da aula, questionamos sobre a competitividade. A professora diz que o clima é mesmo competitivo, porém não fica restrito a perguntas e respostas e ao explicar e contextualizar cada pergunta e resposta acaba por ter audiência do aluno e “quebrar” a ideia da competição pela competição. Diz: “Como ele fez aquela pergunta, como ele pensou naquela pergunta, ele presta atenção”. Afirma que ao incentivar os alunos a fazer e responder perguntas desenvolve o senso crítico. Após apresentarmos todas as cenas selecionadas questionamos a professora sobre sua impressão. A mesma disse: “Ah! É estranho a gente se ver dando aula. Porque eu acho que a gente (...) vê coisas que

poderia melhorar e que naquele momento não estava prestando atenção (...). Nunca tinha me visto dando aula”. Afirma que a experiência serve para uma autoavaliação e que é possível melhorar notando os pontos positivos e negativos, pois reconhece como grande desafio da docência a compreensão relativa ao resultado do trabalho. Se questiona: “Será que eu consegui ouvir todos os meus alunos? Será que eu consegui dar conta de todos os meus alunos? Isso é possível? Isso que eu consigo fazer é o mínimo? Afirma que é muito difícil o professor avaliar se está sendo ou não compreendido.

C-Filosofia – O professor se assiste com atenção e não faz intervenções, o tema da aula é a diferença entre empirismo e racionalismo. Em certo momento sorri e faz um sinal de afirmativo com a cabeça, aparenta gostar do que está vendo. Sua primeira fala é o destaque de que a aula foi filmada em uma das melhores turmas do ensino médio em que ele atua na escola. Após alguns minutos assistindo e sem nenhuma colocação, paramos o vídeo e solicitamos sua impressão. O mesmo diz: “Estou surpreso comigo mesmo”. Questionamos o porquê e ele diz que tem por preocupação apresentar a filosofia e fazer com que sua fala faça sentido para os alunos. Afirma que tem tal preocupação por notar que as vezes os professores, inclusive os do ensino médio, têm falas rebuscadas, nas quais os alunos até percebem que o professor “sabe muito”, mas que eles, alunos, não entendem o que é dito. Destacamos uma cena que o professor pede licença para utilizar o celular da aluna para exemplificar o debate, tal fato chama a atenção para o uso do celular ao mesmo tempo em que traz o exemplo concreto para explicação filosófica. O professor diz: “É necessário você negociar com o aluno (...) este nível de sensibilidade e de aproximação é que faz a diferença”. Após encerrar o vídeo questionamos sobre como a experiência de se assistir repercuti no professor. Finalizando o professor ressalta: “Qual a minha postura, que aula é essa que estou ministrando? (...) Eu gostei do que eu vi”. Além de analisar positivamente sua aula, me pergunta qual a minha avaliação sobre sua aula.

D-História – O professor estava bem à vontade para a realização da autoconfrontação, apresentamos as cenas selecionadas e o professor é bem interativo com o vídeo, explicando as cenas e suas atitudes. De início ressalta seu método, pois a cena apresentada o mostra escrevendo na lousa e os alunos falando. Atenta para a maneira que organizou (em tópicos) e ao fato de ter revisto a maneira que registra em lousa, pois afirma que os tópicos o ajudam a explicar, mas não contribuem para os alunos como um material de estudo posterior. O material empírico se refere a aulas vídeogravadas de duas turmas do EJA (2º e 3º ano do ensino médio), sendo os temas: período regencial (2º ano) e Brasil republicano (3º). Apesar do período de afastamento com a aula vivida, o professor se recorda das turmas e de suas ações em detalhes, narra também suas ações administrativas, como o preenchimento do diário de sala, assim como, a ação de atendimento e esclarecimento de dúvidas individuais. Em uma cena destacada, o professor utiliza de brincadeiras e de forma descontraída e com muitas risadas por parte dos alunos explica a matéria. Ao se assistir afirma que se faz necessário tal interação, as brincadeiras, comparações com o tempo presente e metáforas para que os alunos assimilem o conteúdo. No entanto, se preocupa em estar realmente ensinando, diz: “Às vezes eu pergunto (...): ‘Pessoal vocês entenderam? Tem alguma pergunta? Alguma crítica?’ Na maioria das vezes nada! Então eu fico pensando, será que eles entenderam mesmo?”. Outra percepção do professor se assistindo e que o mesmo diz já ter se atentado antes é a velocidade de sua fala. “Eu percebo que falo rápido demais”. Após o término das cenas afirma ter sido uma boa intervenção, pois nota que a sua atividade é tão automática que nunca havia parado para justificar o seu fazer pedagógico, que a rotina leva aos professores a estagnação e é importante rever seu método, mesmo que o avalie positivamente.

H-Língua Portuguesa – Apresentamos as cenas destacadas para a professora, a mesma estava ansiosa para se assistir. O tema da aula é “orações subordinadas”. Em uma das cenas os alunos conversam bastante e a professora diz: “Isso aqui é matéria de prova”. E ainda: “ou você internaliza ou internaliza”. Também apresentamos cenas da professora escrevendo na lousa. No dia da aula gravada além da explicação, a professora escreveu uma lista de exercícios na lousa: orações subordinadas. Os alunos estão enfileirados e quando questionados, respondem, mas não necessariamente participam. Outra cena destacada é a fala da professora: “Vou começar a dar visto”. Para finalizar, a seleção de cenas que seguem a cronologia da própria aula, apresentamos a correção que a professora faz oralmente, a qual não tem muita audiência. Um gesto da professora também é destacado após o término da aula, ela bate as mãos para limpar o giz, mas isso nos remete ao gesto de um trabalho que é também manual e indica, em nossa avaliação, “trabalho feito”. A professora de língua portuguesa ao se assistir afirma: “Sou muito tradicional”. A autoconfrontação também foi filmada e é possível notar na expressão facial, assim como, no tom de voz um julgamento e uma condenação, triste. Eu pergunto: “É um problema?” Ela não responde de pronto, mas depois diz que não, como se tivesse percebido. Em sua autoconfrontação também destacamos neste momento a preocupação da mesma com a sua avaliação, em vários momentos e, sobretudo, no final, diz: “E o que você achou? Sou uma boa professora?”.

Algumas considerações

Constatamos que o procedimento da autoconfrontação possibilitou através da percepção acerca da atividade profissional e do diálogo, a tomada de consciência em relação ao fazer pedagógico. Acreditamos que poderá repercutir na atividade profissional e ser motor de seu desenvolvimento, conforme advoga o método de autoconfrontação. Uma vez que o próprio trabalhador se tornou observador de sua prática e a análise não ficou restrita ao pesquisador, mas também foi feita pelo próprio sujeito em diálogo com o pesquisador. Ao analisar como o trabalhador percebe a situação de trabalho executada por ele e como essa percepção repercute em sua atividade podemos notar a recorrência na postura de cobrança frente ao trabalho executado, ou seja, os professores se mostram atentos aos resultados do seu trabalho, mas contraditoriamente, a atenção é justamente pela falta de controle deste.

Referências Bibliográficas

CLOT, Y. FAÏTA, D. **Gêneros e estilos em análise do trabalho**: conceitos e métodos. In: Trabalho & Educação. v.25. n.2. Belo Horizonte, MG, 2016.